

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/03/2015 a 31/03/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
Ferrovia barateia escoamento de biodiesel de MT. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/03/2015	4
ETANOL	5
Margem da soja chega a ser cinco vezes maior que a de cana. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 02/03/2015	5
Cargill e USJ dão largada ao etanol de milho em GO. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/03/2015	6
Setor sucroenergético deve chegar a 60 usinas fechadas no país neste ano. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 10/03/2015	8
Vendas de etanol hidratado pelas usinas crescem 7% em fevereiro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/03/2015	9
Clima deve beneficiar próxima safra de cana. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 12/03/2015	10
Tradings buscam alternativas para driblar queda do etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/03/2015	11
BNDES estima que etanol celulósico será viável em 2021. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/03/2015	12
Açúcar entra na pauta da Unica, mas etanol continua a prioridade. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/03/2015	13
Abengoa teve prejuízo de R\$ 140 milhões com etanol no Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2015	15
POLÍTICA NACIONAL.....	15
ETANOL	15
Governadores criticam política de Dilma para etanol e açúcar. Carla Guimarães – Folha de São Paulo, Mercado. 05/03/2015.....	15
Etanol sobe ao motorista de 16 Estados entre 1º e 7 de março. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/03/2015	16
BNDES trava R\$ 5,8 bi para obra de alcoolduto. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 21/03/2015.....	17
Entressafra de cana termina com etanol em baixa. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2015	18
POLÍTICA NACIONAL.....	19

ETANOL	19
Mais etanol na gasolina não trará mudanças – O Estado de São Paulo, Jornal do Carro. 15/03/2015	19
Estudos mostrarão se gasolina com mais etanol trará problemas a carros. Rodrigo Mora – Folha de São Paulo, Mercado. 17/03/2015	20
Etanol hidratado cai ao motorista da maior parte dos Estados do país. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/03/2015	22
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	22
ETANOL	22
Demanda pelo biocombustível nos EUA cairá. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 25/03/2015	22
Real fraco reduz ponto de equilíbrio de usinas de açúcar e álcool no Brasil – Folha de São Paulo, Mercado. 31/03/2015	23

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

Ferrovia barateia escoamento de biodiesel de MT. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/03/2015

Segundo maior produtor de biodiesel do país, Mato Grosso agora tem estrutura para escoar sua oferta atual por ferrovia até a refinaria de Paulínia, em São Paulo. A Raízen, joint venture entre Cosan e Shell, inaugurou ontem um terminal ferroviário de combustíveis no município de Rondonópolis que, em larga medida, terá justamente essa finalidade. O projeto gerou expectativa no Estado pela redução de custos que promete garantir na comparação com a utilização de rodovias.

O transporte do biodiesel puro (B-100) de Rondonópolis a Paulínia será realizado nos mesmos vagões que agora poderão levar gasolina e diesel da cidade paulista até o polo agrícola mato-grossense. Por caminhão, são cerca de 2 mil quilômetros. Nas contas da Raízen, essa otimização do transporte, com a ocupação dos vagões ferroviários na ida e na volta, possibilitará um ganho de eficiência de 27% na distribuição de combustíveis na região, segundo Leonardo Pontes, diretor-executivo de logística da empresa. E boa parte desse ganho virá da redução dos fretes.

A Raízen, cujo faturamento anual supera R\$ 50 bilhões, começou a transportar biocombustíveis por trilhos em 2013, com o transporte de biodiesel de Esteio (RS) até Araucária (PR). Na base de distribuição ferroviária da empresa em Alto Taquari (MT), o uso do modal para o escoamento de biocombustíveis entrou em escala comercial em 2014, puxado pelo etanol produzido no sul de Goiás - tanto na usina própria da companhia, localizada em Jataí, como em outras unidades da região.

Com o terminal de Rondonópolis, todo o biodiesel de Mato Grosso que até agora chegava a Paulínia em caminhões deverá seguir em vagões. Com isso, a empresa espera ampliar significativamente o volume total de biocombustíveis que movimentará por ferrovias no ciclo 2015/16, que terá início em abril.

A área de distribuição de combustíveis da Raízen projeta que deverá movimentar no mercado interno 3,8 bilhões de litros de etanol e outros 700 milhões de litros de biodiesel nesta temporada 2014/15, que terminará no dia 31 deste mês. Do total de 4,5 bilhões de litros, 20% serão escoados por trilhos, disse Pontes. "Com Rondonópolis, esse percentual vai dobrar", previu.

A maior parte do biodiesel de Mato Grosso é produzido em um raio de cinco a dez quilômetros do novo terminal da Raízen em Rondonópolis, construído às margens da malha da América Latina Logística (ALL) - agora também controlada pela Cosan por meio da subsidiária Rumo Logística.

Segundo dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 2014 o Brasil produziu 3,4 bilhões de litros de biodiesel e Mato Grosso representou 18% desse volume (611 milhões de litros). Aproximadamente 400 milhões de litros vieram de unidades de processamento localizadas em Rondonópolis, incluindo

as das multinacionais americanas ADM (161 milhões de litros) e Bunge (115 milhões de litros) e a da asiática Noble (116 milhões).

É difícil saber como o ganho de eficiência calculado pela Raízen em 27% vai se distribuir ao longo da cadeia produtiva. Mas, conforme o diretor de logística da empresa, o novo terminal tende a mudar o patamar de competitividade de Mato Grosso em biodiesel em relação a seu maior "concorrente", o Rio Grande do Sul.

Do total de 700 milhões de litros que a Raízen movimentará em biodiesel no ciclo 2014/15 em todo o Brasil, em torno de 50% virão de Mato Grosso e 40% de fábricas gaúchas. "A projeção é que o biodiesel mato-grossense amplie sua participação em 10 pontos percentuais nos próximos cinco anos, pois é aqui que está a maior produção de soja do país e os maiores potenciais de crescimento na fabricação de biodiesel", afirmou Pontes.

Em 2015/16, segundo ele, a Raízen deverá movimentar 830 milhões de litros de biodiesel no Brasil, em virtude do aumento do percentual de biodiesel no diesel - de 5% para 7%, em vigor desde o último trimestre do ano passado - e também desse crescimento de "market share".

Desde sua implementação no país, há quase dez anos, o mercado de biodiesel é regulado pelos leilões da ANP, que define os volumes a serem adquiridos a cada bimestre e estabelece os limites para os preços de comercialização. Mas Leonardo Gadotti Filho, vice-presidente de Logística, Distribuição e Trading da Raízen, não tem dúvidas de que esse mercado vai mudar um dia no Brasil.

"E, quando isso acontecer, o diferencial será a logística", afirmou Gadotti. Atualmente, o biodiesel B-100 pode ser adquirido apenas por uma distribuidora de combustível, que o mistura, na proporção permitida, no diesel que é distribuído no país. "Quando o mercado se abrir, poderemos movimentar volumes bem maiores do produto, uma vez que atuaremos também como trading de biodiesel", disse o executivo.

ETANOL

Margem da soja chega a ser cinco vezes maior que a de cana. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 02/03/2015

Mesmo com preços em queda, em função do aumento da oferta, rentabilidade do grão é bem maior que a da cana

Quando a cana-de-açúcar avançou sobre as novas fronteiras agrícolas, sobretudo de grãos, no Centro-Oeste do Brasil, entre 2003 e 2007, muitos agricultores de soja e milho da região criaram resistência à chegada dessas novas usinas sucroalcooleiras, que expandiam seus negócios com o 'boom' do consumo de etanol àquela época. Agora, com o setor mergulhado em crise, o caminho é inverso.

Os plantadores de cana começam a repensar suas estratégias e colocam na ponta do lápis o que é mais rentável. "Grandes culturas agrícolas, como soja e cana, têm efeito de escala muito importante", afirmou José Vicente Ferraz, diretor da Informa Economics FNP, uma das mais tradicionais consultorias agrícolas do País.

Ao decidir pela troca de cultura agrícola, além das condições climáticas da região, é preciso observar a eficiência de escala para escoar a produção.

A pedido do Estado, a Informa Economics FNP fez um levantamento de custos de produção de soja e cana nas regiões onde a cana perde espaço. O estudo constatou que, mesmo com a redução dos preços, a soja leva vantagem. Em Rio Verde (GO), a margem de venda da soja é de 38,56%, considerando o custo de produção por hectare de R\$ 1.961,13 e receita de R\$ 3.192. No caso da cana, na mesma região, a margem de venda é de 6,47%, considerando um custo por hectare de R\$ 23,918 mil e receita de R\$ 25,72 mil.

Em Dourados, no Mato Grosso do Sul, a soja segue igualmente rentável, com margem de venda de 32,08% e a da cana de 6,67%. Essas contas, contudo, não podem ser generalizadas para todo País, uma vez que variam de região para região. Em São Paulo, o cálculo de margem válido é o mesmo de Dourados.

Na região de Monte Aprazível, noroeste do Estado de São Paulo, com pouca tradição em soja, muitos plantadores de cana estão elevando as apostas no grão por conta da crise do setor, disse Donald Paiola, presidente da Associação de Fornecedores de Cana da região. "Nessa região, temos importantes usinas, mas alguns grupos, como o Virgolino de Oliveira, não estão pagando os fornecedores. Os produtores de cana estão tomando gosto pela soja", disse. Procurada, a GVO informou que está em negociações com os produtores para pagar pela cana em atraso e está vendendo fazendas para levantar capital.

Na região de Araçatuba, os fornecedores enfrentam o mesmo problema e estão reduzindo a área de renovação do canavial, diz Fernando Girardi, presidente da Associação dos Produtores de Araçatuba. Há atrasos de pagamentos pelas usinas do GVO e da Renuka. Procurada, a Renuka não retornou aos pedidos de entrevista.

Renovação do canavial. De acordo com Plínio Nastari, da Datagro, a renovação dos canaviais tradicionalmente gira em torno de 18% a 20%. Nesta safra, a 2014/15, que se encerra neste mês, a média ficou em 15,2%. O mais baixo índice foi de 10,7% no ciclo 2009/10, quando a crise estava mais aguda.

Cargill e USJ dão largada ao etanol de milho em GO. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/03/2015

A subutilização da capacidade industrial das usinas de cana-de-açúcar no Brasil sempre foi algo intrigante para a americana Cargill, uma das maiores tradings de commodities do mundo e também um grande player industrial. No setor há cerca de dez anos com uma unidade em São Paulo (Cevasa), a multinacional há três se associou ao Grupo USJ para investir na produção de açúcar e etanol em Goiás. Desde então, se planeja para fazer a fábrica rodar nos 12 meses do ano.

Tradicionalmente, as usinas moem cana por oito meses, depois as máquinas são desligadas para manutenção, permanecendo assim por um quadrimestre, até o início do ciclo seguinte. A entressafra que termina em 31 de março deste ano, no entanto, será a última de 'ociosidade' para a usina São Francisco, uma das duas unidades canavieiras

que a americana controla com o grupo USJ, sob o guarda-chuva da joint venture SJC Bioenergia.

Instalada em Quirinópolis (GO), essa unidade vai passar a operar também com milho a partir de janeiro de 2016. A escolha do grão para "encher" a fábrica veio da grande oferta do cereal na região, além da experiência que a americana já tem nos Estados Unidos com suas usinas que produzem etanol de milho.

Com R\$ 160 milhões de investimento, o projeto adicionará à planta goiana produção de etanol de milho, mais eletricidade e o chamado DDGS (sigla em inglês para Resíduos Secos de Destilaria Contendo Solúveis) - uma espécie de farelo de milho que é extraído na produção do etanol e usado para ração animal. "O potencial é de elevarmos em 20% a 30% nosso resultado operacional, uma vez que a receita vai crescer, com o mesmo custo fixo", calcula o presidente do conselho de administração da SJC Bioenergia, Marcelo de Andrade.

Quando chegar à sua capacidade máxima, em três anos, a São Francisco estará produzindo mais etanol a partir do grão do que da própria cana, afirma Andrade. O cronograma é fabricar nos primeiros doze meses de operação 80 milhões de litros de etanol com o uso de milho, metade do que a unidade produz a partir da cana - 160 milhões de litros. Nos três anos seguintes, a meta é elevar esse volume a 200 milhões de litros feitos a partir do grão.

"É um volume equivalente a uma usina tradicional de cana com moagem de 2,5 milhões de toneladas", compara Andrade, que é também o responsável pela operação de Açúcar e Etanol da Cargill no país. Ele cita ainda como vantagem, além da otimização dos ativos, o fato de o projeto graneleiro demandar bem menos capital e ter menores riscos comparado a um projeto canavieiro. "Uma usina de cana a partir do zero custaria cerca de R\$ 750 milhões, sem contar que ela começaria a gerar caixa positivo em cinco anos".

Do total de R\$ 160 milhões que serão investidos no projeto de etanol de milho, 70% serão financiados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e o restante, de capital dos sócios, na distribuição de 50% para cada um. O apoio da Finep se deu porque há um desenvolvimento tecnológico associado ao projeto, explica o superintendente de apoio a projetos inovadores da financiadora, Alexandre Velloso. "Isso vai trazer um encaminhamento novo ao setor, criando um modelo de negócio para as usinas de cana do Centro-Oeste", acredita Velloso.

O cronograma é rodar a fábrica com milho na entressafra canavieira, por volta de dezembro até o fim de março, e também durante safra, nas 'janelas' em que a chuva impedir a colheita da cana. No período em que a unidade estiver operando com milho, a planta vai poder continuar cogerao energia com o bagaço estocado. Conforme Andrade, a fabricação adicional de eletricidade será de 40 mil Megawatts hora (MW-h), elevando o volume total da produção da SJC Bioenergia para 480 mil MW-h já na safra 2015/16.

Além da receita adicional com a produção de etanol de milho e eletricidade, a São Francisco vai vender o DDGS aos pecuaristas locais. A intenção é também estimular os produtores de grãos da região a introduzirem a atividade pecuária, com confinamento bovino, diz Andrade. Está ainda em estudo projeto para agregar ainda mais valor ao

processamento de milho, com a fabricação de produtos voltados à alimentação humana, mas Andrade ainda não comenta o tema.

Tradicional grupo sucroalcooleiro de São Paulo, o USJ começou a planejar a expansão para Goiás em 2004. Das duas unidades programadas, somente a São Francisco ficou pronta num primeiro momento. A segunda só foi construída quando a Cargill entrou no negócio, em 2011.

Vice-presidente do conselho de administração da SJC Bioenergia, Maria Carolina Ometto Fontanari, diz que quando foi idealizado, o projeto goiano tinha clara a percepção de que havia espaço na região para cana e outras culturas. "E a Cargill trouxe a viabilidade de incluir o milho e otimizar o uso dos ativos", afirma Maria Carolina.

Na sua visão, agora a SJC Bioenergia está entrando na "maturidade", operando praticamente com toda sua capacidade. "Estamos obtendo resultados como poucos 'greenfields' [usinas construídas a partir do zero] recentes".

A Cargill é uma grande processadora de milho no mundo e, no Brasil, detém a maior fábrica fora dos Estados Unidos - Uberlândia (MG). A planta de Goiás, no entanto, vai superar a unidade mineira, voltada à produção de amidos e adoçantes.

Setor sucroenergético deve chegar a 60 usinas fechadas no país neste ano. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 10/03/2015

As dificuldades financeiras enfrentadas pelas usinas de açúcar e etanol, impulsionadas pela crise na economia global, devem resultar em pelo menos dez unidades fechadas na safra 2015/16 em Estados do centro-sul do país, como São Paulo e Minas.

Além disso, o setor, que já sofreu o fechamento de 50 usinas desde 2008, de um total de cerca de 370, está travado, sem receber investimentos.

Essa é a estimativa de entidades como Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) e Udop (União dos Produtores de Bioenergia).

Isso não significa que as usinas fecharão as portas definitivamente, mas não estão moendo cana-de-açúcar por falta de recursos financeiros ou por adequações logísticas.

"Para evitar a paralisação das usinas, é preciso um 'Proer do etanol'. É o que o setor precisa", afirmou o presidente da Udop, Celso Torquato Junqueira Franco.

O Proer foi um programa implementado em 1995 no governo do ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) para sanear instituições bancárias em dificuldades financeiras.

A medida já foi defendida pelo ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues no segundo semestre do ano passado e é tema frequente no mercado sucroenergético.

Além dos problemas financeiros, o setor ainda enfrenta reflexos da crise hídrica, que vai "engolir" parte dos benefícios obtidos pelo setor, como o aumento da mistura do etanol à gasolina e a cobrança da Cide nesse combustível. As medidas devem gerar receita estimada em R\$ 4 milhões, enquanto a seca pode gerar perdas de até R\$ 2,4 bilhões no ano, segundo a Udop

DÍVIDAS DO SETOR

Na safra 2014/15, 12 usinas já tinham deixado de produzir açúcar, álcool e eletricidade, e deverão permanecer paradas neste ano.

Um estudo feito em 2014 pela consultoria MBF Agribusiness, de Sertãozinho (SP), mostrou que a dívida das usinas que entraram em recuperação judicial soma R\$ 13 bilhões. Das 67 que entraram nessa condição em seis anos, 40 não estão moendo cana – embora nem todas estejam oficialmente fechadas.

Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), disse que a paralisação das atividades é consequência da crise pela qual o setor passa.

"Em algumas, [o fechamento] já é oficial, como a antiga usina Amália. A Raízen também tomou a decisão de não processar cana em uma de suas usinas", afirmou. Ele se refere à usina Bom Retiro, uma das 24 unidades do grupo que suspendeu as atividades industriais por dois anos.

A cadeia sucroenergética perdeu 300 mil empregos nos últimos anos, segundo o setor. Em Sertãozinho (SP), onde nove em cada dez fábricas produzem componentes para usinas, 2.046 empregos desapareceram das indústrias em 2014, o que motivou um protesto que reuniu 20 mil pessoas em janeiro.

SEM INVESTIMENTO

Sócio da FG Agro, Willian Hernandes disse que o problema maior não é o que ocorreu em termos financeiros no ano passado, mas o acumulado de dívidas ao longo dos últimos anos.

"O histórico de fluxos de caixa anteriores, combinado a um cenário adverso, provocou isso. Neste ano, todas as empresas vão sofrer, da Petrobras às micro e pequenas."

De acordo com ele, no entanto, o fechamento de usinas não deverá ocorrer em massa e o principal problema é que o setor não recebe novos investimentos.

"Nos últimos anos, o setor cresceu a uma média de 6,7% ao ano. Hoje cresce 0%. Ele impulsionava a economia e não impulsiona mais, por causa da falta de investimento", afirmou.

Vendas de etanol hidratado pelas usinas crescem 7% em fevereiro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/03/2015

SÃO PAULO - As vendas de etanol (anidro e hidratado) feitas pelas usinas de cana-de-açúcar do Centro-Sul do país atingiram 1,922 bilhão de litros no mês de fevereiro, praticamente estável ante 1,924 bilhão de fevereiro de 2014, segundo dados divulgados pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Conforme especialistas, o volume vendido só não cresceu em fevereiro porque o mês contou com menos dias úteis por causa do feriado de carnaval, que, em 2014, ocorreu no mês de março.

Do total de 1,922 bilhão de litros comercializados em fevereiro, 1,223 bilhão de litros foram de etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, 7,3% acima do registrado em igual mês de 2014, segundo a Unica.

O restante, 699,569 milhões de litros, foi de venda de etanol anidro, que é misturado à gasolina. A comercialização de anidro em fevereiro é 10,8% inferior à obtida em fevereiro de 2014.

No acumulado desde o início da safra 2014/15 até 1º de março, as usinas do Centro-Sul acumularam a venda de 22,6 bilhões de litros de etanol, entre anidro e hidratado, uma queda de 4,4% em relação ao mesmo intervalo do ciclo 2013/15. Na mesma comparação, as vendas de hidratado acumularam 13,133 bilhões de litros, um recuo de 3,6%. A comercialização acumulada de anidro caiu 5,65%, a 9,469 bilhões de litros.

Clima deve beneficiar próxima safra de cana. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 12/03/2015

Altamente dependente do clima, a retomada da moagem de cana-de-açúcar na região Centro-Sul já começou, para algumas usinas, em fevereiro. Mas a expectativa é que a maior parte das companhias do segmento esperem até a segunda quinzena de abril para religar as máquinas. No que depender do clima, as perspectivas são favoráveis à colheita no mês de abril. No Centro-Sul, os radares meteorológicos não indicam até agora excesso de chuvas, apenas pancadas em períodos curtos.

O menor volume disponível de "cana bisada", aquela que fica no campo de uma safra para outra, ajuda a explicar a tendência de um começo ligeiramente mais tardio da nova safra, segundo especialistas. Mas a principal razão é que o clima seco de janeiro atrasou o desenvolvimento da cana de 2015/16, que só deverá estar pronta para ser colhida na segunda quinzena do mês que vem.

Conforme dados divulgados ontem pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), 293,3 mil toneladas da matéria-prima do ciclo 2015/16 foram processadas na segunda quinzena de fevereiro. Com isso, um volume de 2,5 mil toneladas de açúcar e 14,5 milhões de litros de etanol hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos) foram produzidos.

Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica, afirma que seis usinas já recomçaram a moagem, pois tinham cana bisada para processar. "Mas nesta safra, o volume da 'sobra' de cana foi menor, de no máximo 10 milhões de toneladas, ante as 20 milhões de 2013/14", compara. Segundo ele, as chuvas de março é que definirão a velocidade de desenvolvimento das plantas. "A visão que se tem neste momento é a que a cana não estará em ponto colheita no início de abril", diz Padua.

Após a estiagem de janeiro, os canaviais do Centro-Sul receberam volumes expressivos de chuvas em fevereiro. Em algumas regiões, as precipitações superaram em 15% a média histórica, conforme Marco Antônio dos Santos, agrometeorologista da Somar Meteorologia.

De forma geral, segundo ele, os modelos meteorológicos indicam chuvas dentro da média em março e em abril nos polos canavieiros do Centro-Sul. Mas há exceções. Em

Araçatuba, no noroeste paulista, a previsão para março é de 350 milímetros (mm), bem acima da média histórica (131 mm), mas a normalidade tende a voltar a dar o tom em abril. No mês, deve chover na região 61 mm, ante a média de 62 mm.

Em Ribeirão Preto, mais importante região canavieira de São Paulo e do país, as chuvas em março também serão acima da média de 155 mm. A previsão é que o nível chegue a 275 mm. Em abril, em contrapartida, o clima tende a secar, com precipitações de 20 mm para todo mês, ante uma média histórica de 60 mm.

Em Quirinópolis, Goiás, deve chover 210 mm em março e 100 mm em abril, em linha com as respectivas médias. "Nessa região, dá para colher melhor após o dia 15 de abril", afirma Santos.

A maior parte das estimativas para a safra 2015/16 no Centro-Sul divulgadas até agora preveem um processamento acima das 570 milhões de toneladas de 2014/15. A JOB, Economia e Planejamento, por exemplo, projeta um crescimento de 2,5%, para 585 milhões de toneladas.

A Datagro também prevê incremento na moagem, em função da ocorrência de chuvas mais regulares. Na sua última estimativa que divulgou à imprensa, no fim de janeiro, a consultoria projetou para 2015/16 um processamento de 584 milhões de toneladas no Centro-Sul.

Já a americana FCStone aposta em um volume muito parecido com o de 2014/15 - a empresa prevê 571 milhões de toneladas em 2015/16.

Tradings buscam alternativas para driblar queda do etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/03/2015

Nas últimas semanas, os preços do etanol na usina desabaram, em uma espiral que anulou todo o efeito positivo decorrente do aumento dos preços da gasolina na refinaria, em vigor desde 1º de fevereiro.

O litro do hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, chegou a bater R\$ 1,41 na indústria em São Paulo, conforme sinalizou o indicador Cepea/Esalq na semana entre os dias 2 e 6 de fevereiro. Entretanto, desde então os preços vêm caindo sem trégua, apesar do período de entressafra da cana-de-açúcar. Na semana finda na sexta-feira, o indicador atingiu R\$ 1,2745, em baixa de 9,9% desde o começo do mês passado.

A queda reflete, em parte, os estoques elevados do produto no Centro-Sul e a percepção de que muitas usinas têm precisado vender o biocombustível para gerar caixa. No entanto, a visão de alguns traders é que agora a maior parte do estoque está nas mãos de grupos mais capitalizados que não querem negociar na baixa.

Conforme apurou o Valor, alguns deles consideram correr o risco de exportar, ainda que com margem apertada ou para obter a mesma remuneração do mercado interno. Uma exportação nessas condições teria sido fechada na última semana para o embarque de 40 milhões de litros em abril. Os grupos reticentes em apostar na exportação consideram manter o produto estocado por alguns meses após o início da próxima safra, a 2015/16, em abril, à espera de preços mais remuneradores.

Puxadas pelo dólar valorizado, as exportações de etanol de "entressafra" podem "enxugar" o mercado interno com a saída de 400 milhões e 500 milhões de litros, segundo traders. O produto alvo da exportação é o anidro, cujos preços no mercado interno também despencaram. Desde a primeira semana de fevereiro, o indicador Cepea/Esalq para esse biocombustível acumula retração de 7,2%.

Nos cálculos da consultoria americana FCStone, o estoque conjunto de anidro (produto misturado à gasolina) e hidratado deve ficar perto de 2,5 bilhões de litros em 31 de março deste ano, em torno de 1 bilhão acima do volume de um ano atrás. Assim, na visão da empresa, se os preços caíram em fevereiro o tombo pode ser ainda maior em março, dada a necessidade das usinas de levantar recursos para realizar pagamentos e iniciar a próxima temporada. "Neste momento, as distribuidoras e as usinas estão brigando por margem e, as distribuidoras estão ganhando a disputa", afirma o especialista da FCStone, Bruno Lima.

Apesar da queda de braço, Tarcilo Rodrigues, diretor da trading de etanol Bioagência, avalia que o preço do biocombustível atingiu seu piso e, que, daqui em diante, vai ficar estável, com tendência ascendente.

A pressão vinda da proximidade do início da nova safra, a 2015/16, também existe, no entanto, vigora a percepção de que haverá um atraso no começo da moagem na maior parte das usinas. Até agora, em torno de seis unidades já retomaram em março o processamento no Centro-Sul do país. Conforme a União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), até 1º de março, 293,3 mil toneladas de cana do ciclo 2015/16 haviam sido processadas. Oficialmente, a safra só começa em 1º de abril.

A antecipação é pontual, segundo a Unica. Na média, ainda falta mais de um mês para o início efetivo do ciclo, quando 80% das usinas devem estar religando as máquinas.

BNDES estima que etanol celulósico será viável em 2021. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/03/2015

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) apresentou ontem em evento da consultoria FO Licht em São Paulo um estudo inédito feito em conjunto com o Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE) sobre a viabilidade do etanol de segunda geração no Brasil, feito a partir do bagaço e da palha de cana-de-açúcar. Nos últimos dois anos, o banco de fomento aplicou cerca de R\$ 1 bilhão em projetos de etanol celulósico no Brasil.

Em linhas gerais, no curto prazo, o horizonte é de que o custo de produção desse biocombustível (celulósico) ainda seja superior ao custo do de primeira geração - embora alguns projetos já estejam conseguindo equiparar essas despesas no caso do etanol anidro, que é misturado à gasolina. Em média, segundo o estudo, o custo seria de R\$ 1,50 por litro para o etanol celulósico, ante R\$ 1,20 por litro do etanol de primeira geração, feito a partir do caldo da cana-de-açúcar.

Mas a partir de 2021, segundo o chefe do departamento de biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti, os custos do etanol celulósico tendem a ser reduzidos significativamente, para o patamar de R\$ 0,80 por litro, podendo atingir níveis de R\$

0,50. Essa redução será possível, conforme o banco, devido à introdução de variedades da chamada "cana energia", com maior produtividade de fibras e também em toneladas por hectare do que as variedades convencionais. Os ganhos de escala também farão a diferença, assim como a diminuição de montante de investimentos na construção de novas plantas de etanol celulósico.

No estudo do BNDES e do CTBE também foi identificado que o etanol celulósico é viável no longo prazo, mesmo com um preço do barril do petróleo em US\$ 40.

"Nesse estudo, o banco buscou ter uma visão conservadora, que pode até ter decepcionado alguns produtores, que acreditam que conseguem num prazo mais curto reduzir o custo do etanol celulósico a níveis mais baixos do que o de primeira geração", disse o gerente setorial do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Arthur Milanez.

Brasil, há três projetos de etanol celulósico em escala comercial e um em escala de demonstração. O da GranBio, da família Gradin, foi o primeiro a ser inaugurado e tem capacidade de produção de 80 milhões de litros de etanol celulósico a partir da palha da cana.

O segundo em operação é o da Raízen, joint venture entre Cosan e Shell. A unidade foi implantada na usina paulista Costa Pinto, que produz etanol de primeira geração, com capacidade para fabricar 40 milhões de litros anuais. "A espanhola Abengoa começou a construção de sua usina de etanol de segunda geração, que terá condições de produzir 65 milhões de litros por ano", explicou Cavalcanti.

Nos Estados Unidos duas plantas que usam biomassa do milho para fabricar o biocombustível entraram em operação e uma outra deve entrar neste ano. Juntas, devem ter capacidade para produzir 305 milhões de litros anuais.

Açúcar entra na pauta da Unica, mas etanol continua a prioridade. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/03/2015

Com um orçamento equivalente à metade do que tinha há dois anos, fruto de uma reestruturação feita em 2014 para evitar a saída de associados, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que representa 60% da produção de açúcar e etanol do Centro-Sul, não tem, a despeito da menor receita, menos desafios. Além de inúmeras demandas de curto e longo prazos para o etanol - que estão no topo das prioridades dos seus associados - a entidade adicionou às suas angústias mais imediatas o mercado de açúcar.

Recém-empossado na presidência do conselho deliberativo da Unica no lugar do ex-ministro Roberto Rodrigues, o executivo Luís Roberto Pogetti diz que o ciclo de baixa nas cotações do açúcar está se prolongando em demasia. Normalmente, costuma durar três anos, mas desta vez se arrasta há quase cinco.

É natural nesses momentos que os países produtores busquem proteger seus mercados, o que aumenta o risco de distorções. "Nosso objetivo é defender o livre mercado de açúcar", diz o executivo, que também é presidente do conselho de administração da Copersucar

Em 2014, a entidade, por meio do Itamaraty, fez questionamentos à Índia na Organização Mundial do Comércio (OMC) para entender mecanismos de incentivos dados pelo país a seus produtores. Neste ano, fez o mesmo com a Tailândia. Ainda não obteve resposta, mas está preparada para iniciar, se for o caso, um contencioso internacional.

Também preocupa os associados uma onda de demonização do açúcar na alimentação humana. Neste mês, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reduziu à metade a conta desses e outros movimentos do gênero, a Unica vai lançar em breve uma campanha publicitária para desmitificar o produto como o vilão para a saúde.

Batizada de "doce equilíbrio", a campanha quer combater a visão de que açúcar faz mal. "A nossa reação é a de buscar melhorar o nível de informação na sociedade". Conforme Pogetti, um comitê técnico multidisciplinar, formado por nutricionistas, geriatras e endocrinologistas vão dar sustentação científica à campanha. "Ela tem caráter preventivo. Busca esclarecer adequadamente a sociedade, tendo em conta que têm crescido movimentos contra o açúcar no mundo", afirma.

Apesar da entrada dessas questões na pauta, o etanol ainda continua sendo a grande prioridade, diz Pogetti. Representante de um setor com histórica intervenção governamental, a entidade busca há anos convencer o governo de que é preciso um marco regulatório para etanol e eletricidade que permitam previsibilidade para investimentos. Essa é a demanda número "um", na visão de seus associados. O presidente do conselho afirma que a Unica está trabalhando num projeto para subsidiar o governo nessa demarcação. "Se for definido qual o papel no longo prazo, é mais fácil definir o que fazer para chegar lá".

Ele acrescenta que a Unica continuará buscando no governo a aprovação de uma diferenciação tributária entre etanol e gasolina, de forma a "premiar" o biocombustível pelo efeito positivo que ele traz ao ambiente e à saúde pública. "A Cide [Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico] fazia esse papel, mas ao ser retirada pelo governo [em julho de 2013], transferiu aos produtores de etanol o ônus desse financiamento ambiental e à saúde pública da sociedade", argumenta.

Em fevereiro deste ano, a Cide voltou a incidir sobre a gasolina, em um montante de R\$ 0,22 por litro. Mas nas contas da Unica, trazida para valores de 2015, a Cide deveria incidir em R\$ 0,50 por litro. Em janeiro de 2013, quando atingiu seu auge, a contribuição chegou a R\$ 0,28, sendo zerada em julho do mesmo ano. Assim, diz Pogetti, a recomposição foi parcial. "A batalha para avançar nessa questão ainda não acabou. Essa diferenciação tributária tem que ser feita".

Também neste ano, as usinas conseguiram ter aprovada a elevação para 27% da mistura de etanol anidro na gasolina, que antes era de 25%. Mas começam a enfrentar alguns ruídos, após um comunicado da Anfavea, que representa os fabricantes de veículos, recomendar que veículos movidos exclusivamente à gasolina passem a usar o tipo "premium" - e não a gasolina "C" com 27% de etanol - até a conclusão dos estudos sobre o impacto na durabilidade dos motores.

Na semana passada, o Ministério Público Federal de Minas Gerais encaminhou uma recomendação à Secretaria Executiva do Ministério de Minas e Energia para que a

mistura de 27% seja suspensa até que se tenha certeza sobre a inexistência de prejuízo ao consumidor.

"Essa decisão [de elevar a mistura] não foi unilateral. A Anfavea endossou", afirma Pogetti. Segundo ele, 80% dos testes foram feitos antes da aprovação, o que deu conforto na tomada de decisão. "Para nós, surpreende essa polêmica. Acredito que seja uma tempestade em copo d'água". Ele acrescenta que em duas semanas os testes finais, sobre durabilidade dos motores - 100 mil km - com a nova mistura serão concluídos. "Até o momento, ao rodar 70 mil km os veículos à gasolina não apresentaram problemas", relata.

Ao todo, a Unica tem 124 unidades industriais associadas que pertencem a 14 grupos e a outras 11 empresas com apenas 1 usina. Além de todas essas demandas, a entidade tem ainda à frente o desafio de convencer o motorista de carro-flex a abastecer com etanol, em vez de gasolina - o que nem sempre acontece mesmo que o preço do etanol seja mais atrativo. "As campanhas em televisão demandam orçamento alto. Estamos buscando um caminho para manter o etanol em evidência, com baixo custo", afirma Pogetti.

Abengoa teve prejuízo de R\$ 140 milhões com etanol no Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2015

SÃO PAULO - A Abengoa Bioenergia Brasil, braço de etanol e açúcar da espanhola Abengoa, informou hoje que teve no exercício encerrado em 31 de dezembro de 2014 um prejuízo líquido de R\$ 140,9 milhões, ante a perda líquida de R\$ 151,7 milhões de 2013.

Em 2014, a operação brasileira de bioenergia registrou uma receita líquida 32,8% maior do que em 2013, a R\$ 837,680 milhões. O custo dos produtos vendidos, no entanto, subiu mais, 35,4%, a R\$ 857,2 milhões. No exercício, a companhia teve um ganho de R\$ 53,5 milhões vindo da variação do valor justo dos ativos biológicos (canaviais), ante um ganho de R\$ 30,6 milhões de 2013.

No Brasil, a empresa tem duas usinas de cana-de-açúcar no Brasil, ambas no Estado de São Paulo — Pirassununga e São João da Boa Vista.

O resultado operacional antes do resultado financeiro foi negativo em R\$ 88,6 milhões, ante a perda de R\$ 112,2 milhões de 2013.

A dívida líquida da subsidiária brasileira de bioenergia foi em 31 de dezembro de 2014 de R\$ 714,8 milhões, 71% acima do registrado um ano antes (R\$ 416,1 milhões).

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Governadores criticam política de Dilma para etanol e açúcar. Carla Guimarães – Folha de São Paulo, Mercado. 05/03/2015

Governadores de cinco dos sete maiores Estados produtores de etanol e açúcar se

reuniram nesta quinta-feira (5), em Goiânia, para cobrar do governo Dilma Rousseff políticas "mais seguras" para o setor sucroenergético.

Na reunião, os governadores de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo apontaram as dificuldades do setor e criticaram as "medidas e anúncios improvisados" da União.

"Num momento em que o etanol brasileiro se firmava como fonte importante de energia renovável no mundo, tivemos uma redução drástica das políticas de apoio por parte da União", disse Marconi Perillo (PSDB-GO). Segundo ele, o setor "acabou ficando para trás por causa de uma priorização ao pré-sal".

O governador de Mato Grosso, Pedro Taques (PDT), admitiu que o encontro, que reuniu quatro governadores tucanos, também discutiu a crise política. Convidado, Fernando Pimentel (PT), de Minas, não compareceu.

Reinaldo Azambuja (PSDB-MS) acrescentou que o setor está sob "uma extrema dificuldade por uma política equivocada".

Os cinco assinaram uma carta endereçada a Dilma em que pedem, por exemplo, o aumento do percentual de etanol misturado à gasolina para 30%. Nesta semana, o governo federal anunciou que o índice subirá de 25% para 27% a partir do dia 16.

Os governadores pedem ainda a renegociação da dívida do setor.

'MEDIDAS IMPROVISADAS'

O tucano Beto Richa, do Paraná, disse que os produtores precisam de "políticas que tragam segurança ao setor produtivo, e não medidas e anúncios improvisados".

Geraldo Alckmin (PSDB-SP) disse que, "num momento de dificuldade de produção de energia, energia cara", é importante gerar bioenergia com um custo menor de transmissão e com menor perda.

Segundo os governadores, a carta com as reivindicações será entregue à presidente e a alguns ministros.

Já o governo federal afirma que o aumento do peso do álcool na mistura da gasolina para 27% terá um impacto positivo na indústria sucroalcooleira.

Etanol sobe ao motorista de 16 Estados entre 1º e 7 de março. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/03/2015

SÃO PAULO - Os preços médios do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, e os da gasolina seguem subindo ao consumidor final na maior parte dos Estados brasileiros, segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP). Entre os dias 1º e 7 de março, os preços do etanol subiram em 16 Estados em relação à semana anterior. Já os da gasolina C, se valorizaram ao motorista de 12 Estados na mesma comparação.

A maior alta do etanol foi registrada no Amapá (5,2%), seguida do Piauí (1,12%), de Mato Grosso (1,17%) e do Tocantins (0,82%).

Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, o preço médio do hidratado recuou 0,04%, a R\$ 1,65 o litro. Em quatro semanas, o biocombustível acumula alta de 0,22% no Estado.

O preço médio da gasolina C, na comparação semanal, subiu 0,22%, a R\$ 2,599 o litro, no Estado de São Paulo e acumula alta de 0,63% em quatro semanas, conforme dados da ANP.

O etanol e a gasolina C são combustíveis concorrentes entre os veículos flex-fuel. De forma geral, o etanol tem uma eficiência energética 30% menor na comparação com o derivado fóssil, por isso, conforme parâmetro mais aceito pelo mercado, só é vantajoso ao motorista abastecer com o biocombustível quando seu preço equivale a menos de 70% do preço da gasolina nos postos.

Na semana entre 1 e 7 de fevereiro, essa vantagem foi presente, considerando preços médios, nos Estados de Goiás (68%), Mato Grosso (64%), Paraná (68,6%) e em São Paulo (66,4%).

BNDES trava R\$ 5,8 bi para obra de alcoolduto. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 21/03/2015

Com sócios envolvidos na Lava Jato, banco fez novas exigências e Camargo decide sair

A Construtora Camargo Corrêa prepara a sua saída da Logum Logística, empresa responsável pela construção do alcoolduto de 850 quilômetros que atravessa quatro Estados brasileiros e requer mais de R\$ 7 bilhões em investimentos. A decisão ocorre no momento em que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) trava o financiamento de R\$ 5,8 bilhões para a empresa continuar a obra.

Um dos principais motivos para o banco protelar a liberação do empréstimo é o fato de a Logum ter entre seus sócios três empresas investigadas na Operação Lava Jato: Petrobrás, que detém 20% de participação, a Odebrecht, que tem outros 20%, e a própria Construtora Camargo Corrêa, com 10%. Os outros sócios do empreendimento são Copersucar, Raízen (do grupo Cosan) e Uniduto Logística, que reúne usinas de açúcar e álcool.

Outro ponto que atraiu a atenção sobre a Logum foi o fato de que há até pouco tempo o seu presidente era Roberto Gonçalves, ex-integrante de uma equipe que se reportava ao ex-diretor da Petrobrás Paulo Roberto Costa, delator na Lava Jato.

A Logum está sendo submetida a uma auditoria interna, nos moldes do que é feito hoje na Petrobrás. A conclusão está prevista para ser entregue aos sócios nesta semana.

Setor. A situação da Logum tornou-se um tema delicado entre seus sócios, que, procurados pela reportagem, não quiseram falar sobre o assunto. Além dos problemas por ter acionistas envolvidos na Lava Jato, a companhia também está numa situação economicamente delicada.

Os potenciais clientes do setor de açúcar e álcool vivem uma das maiores crises de sua história e pouco têm a transportar pela parte dos dutos que já está pronta. No começo do ano passado, os dutos que saíam de Ribeirão Preto até o polo petroquímico de Paulínia

tinham apenas 10% de sua capacidade de transporte sendo utilizada. A empresa não informa qual é a atual situação.

Em agosto, antes de a Operação Lava Jato ganhar a atual dimensão, a Logum conseguiu refinanciar o empréstimo-ponte de R\$ 1,7 bilhão que tinha com o próprio BNDES. Esse empréstimo é em sua maior parte garantido por fianças dos bancos Bradesco e Santander, que teriam de assumir um eventual calote caso o empreendimento não vá para a frente. Procurados, os bancos não comentaram.

O balanço da Copersucar de 2013 informa, entretanto, que em caso de inadimplência os próprios sócios teriam de aportar recursos na empresa, além dos que já foram investidos. Juntos, os sócios colocaram R\$ 1,5 bilhão no negócio. O trecho entre Ribeirão Preto (SP) e Uberaba (MG) já foi concluído. Na próxima etapa, Uberaba será ligada a Itumbiara (GO).

Sociedade. A Camargo Corrêa está agora tentando sair da sociedade, mas afirma que isso não prejudicaria a construção desse segundo trecho que já está em fase de finalização. A saída da Camargo resolveria em parte o problema com o BNDES, que fez novas exigências de garantia, mas não aceita as que venham da Camargo. Os outros sócios teriam de dar garantias pela empresa.

Em nota enviada ao Estado, a construtora informou que contratou uma consultoria para realizar o desinvestimento. Segundo um outro sócio, uma das soluções seria os atuais acionistas comprarem a parte da Camargo. “Mas é preciso ter preço bom”, diz um deles.

Para lembrar. Ao ser concebida, a rede de dutos para o transporte do combustível à base de cana-de-açúcar gerou uma polêmica semântica. Não se sabia ao certo se deveria ser chamada de alcoolduto, duto de etanol ou dutovia. Ninguém nunca questionou, porém, a sua importância para tornar o preço final do produto mais competitivo. À medida que novas usinas eram construídas no interior do Brasil, cada vez mais longe dos maiores centros urbanos e dos portos, esta seria a alternativa mais inteligente e barata para escoar a produção, Estima-se que o transporte por uma dutovia seja um terço do custo do da rodovia.

O projeto da Logum, porém, não se resume a uma rede de tubos. Prevê a criação de um sistema de logística. Vai ligar regiões produtoras nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul ao principal ponto de armazenamento de distribuição, em Paulínia (SP) e Duque de Caxias (RJ). Em 2010, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou a obra, em Ribeirão Preto.

Entressafra de cana termina com etanol em baixa. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2015

Termina hoje, oficialmente, a safra 2014/15 de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil. E com estoques maiores de etanol do que há um ano. O mês de março não atendeu às expectativas das usinas e traders que estavam com produto armazenado à espera de remunerações mais elevadas, como é de praxe nesta época, conhecida por ser o pico da entressafra. Os preços médios do etanol neste mês são os mesmos registrados em dezembro do ano passado, quando começou a entressafra.

Até o dia 26, os preços médios na usina em São Paulo do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, atingiram, em média, R\$ 1,26 por litro, conforme o indicador semanal Cepea/Esalq. Em dezembro passado, a média do mesmo indicador foi de R\$ 1,27. Nos meses seguintes, houve alguma reação e os preços médios alcançaram R\$ 1,31 em janeiro e R\$ 1,37 em fevereiro, mas ainda bem abaixo da expectativa do segmento - que, somente com a volta da Cide e com o reajuste da gasolina na refinaria de 3% em novembro passado, esperava um acréscimo do preço pago na usina de cerca de R\$ 0,30 por litro.

"Usinas e tradings podiam vender o litro a R\$ 1,26 em dezembro. Mas a ideia era carregar estoques e arcar com mais custos financeiros para vender por um valor maior, e não pelos mesmos R\$ 1,26", disse um trader que preferiu não se identificar.

O fato é que esses R\$ 0,30 por litro que tinha potencial de ir para o caixa das usinas acabou se deslocando para os elos seguintes da cadeia, tais como distribuidoras e postos, avaliou uma fonte do mercado.

A fragilidade das usinas se tornou maior porque estavam com um grande volume de etanol nas mãos. A estimativa de traders é que hoje, fim oficial da safra, os estoques de hidratado no Centro-Sul estejam 700 milhões de litros mais altos que há um ano. Alguns agentes do setor delegam a oferta grande a dois fatores. O primeiro, ao atraso em dois meses do governo em autorizar o aumento da mistura de etanol na gasolina, de 25% para 27%, que só entrou em vigor em 16 de fevereiro.

Com isso, nas contas do setor, 500 milhões de litros de etanol ficaram sem demanda. Outra surpresa foi a moagem da safra, que ficou em níveis acima de 570 milhões de toneladas, ante as estimativas de 550 milhões. Isso significou uma produção adicional de 1 bilhão de litros.

A boa notícia para as usinas é a reação do consumidor, que tem elevado sua preferência pelo etanol em detrimento da gasolina. Para março, o mercado espera vendas de 1,4 bilhão, 30% maiores que há um ano.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Mais etanol na gasolina não trará mudanças – O Estado de São Paulo, Jornal do Carro. 15/03/2015

Impacto do aumento no percentual de etanol na gasolina vendida no País é irrisório, segundo especialista

A partir desta segunda-feira (16), passa a valer o aumento do percentual de etanol na gasolina vendida no País, fruto de medida sancionada pela presidente Dilma Rousseff em "socorro" ao setor sucroalcooleiro, que precisa escoar a produção. O percentual subirá dos atuais 25% para 27%. Mas na prática, pouca coisa muda para o consumidor, principalmente porque os preços, tanto do etanol quanto da gasolina, não deverão mudar.

A hipótese de que mais etanol na gasolina faria com que os carros consumissem até 4% mais combustível é descartada pelo diretor executivo da Associação Brasileira de Engenharia Automotiva, Nilton Monteiro. O engenheiro afirma que o aumento no consumo será imperceptível no dia a dia. Outra tese é de que a nova mistura poderia afetar os carros apenas a gasolina, pois a programação eletrônica desses modelos teria sido pensada para o combustível antigo, com 25% de etanol.

Monteiro afirma que essa tese também não se sustenta. "Isso até pode acontecer em casos específicos, como o de carros importados de forma independente e modelos mais antigos, mas serão raros". Ele indica a adição de aditivos ao combustível, cuja recomendação já era feita para quem já usava a gasolina com 25% de etanol.

Por ora, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), recomenda o uso da gasolina premium nos modelos movidos apenas pelo combustível mineral. Consideravelmente mais caro, esse produto manterá os 25% de etanol na mistura.

Essa medida é recomendada ao menos até que sejam concluídos os testes que comprovarão se o aumento do etanol trará algum efeito negativo aos motores. A "nova" gasolina está sendo testada a pedido da Anfavea desde outubro de 2014 e os resultados devem sair até o fim deste mês.

Em modelos com motores flexíveis, nada muda, já que esse carros estão preparados para rodar com até 100% de etanol no tanque. Logo, a mudança na mistura não fará diferença.

Preços. A recente alta nos preços dos combustíveis não alterou o fato de que no Estado de São Paulo continua sendo mais vantajoso abastecer os veículos bicombustíveis com etanol. Considerando que a adição do combustível vegetal na gasolina não trará aumentos significativos no consumo, o preço do derivado da cana deve ser pelo menos 30% menor que o da gasolina para se manter vantajoso.

Segundo informações da Agência Nacional do Petróleo (ANP), o preço médio do litro da gasolina no Estado de São Paulo é de R\$ 3,177, enquanto o do etanol é de R\$ 2,112. Nesse caso, a paridade entre etanol e gasolina é de 66%. Ou seja: é melhor abastecer com o combustível vegetal.

Estudos mostrarão se gasolina com mais etanol trará problemas a carros. Rodrigo Mora – Folha de São Paulo, Mercado. 17/03/2015

Quem abastece o carro com gasolina dos tipos comum e aditivada já encontra nas bombas dos postos o combustível tipo E27, com 27% de etanol em sua mistura

O incremento do fluido vegetal no de origem fóssil –de 25% para 27%–, segundo o governo, é visto como um incentivo ao setor sucroalcooleiro, que há anos enfrenta crise –ao menos nove usinas devem deixar de operar na safra deste ano, prevê a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Segundo especialistas consultados pela Folha, a mudança não interfere na durabilidade dos motores bicombustíveis, já construídos com materiais resistentes ao álcool. Quanto

àqueles movidos apenas a gasolina, há chances de a durabilidade ser reduzida, embora especialistas acreditem que a possibilidade é pequena.

A AEA (Associação Brasileira de Engenharia Automotiva) afirma que "a probabilidade de haver diferença em corrosão nas peças além do que já existe é muito baixa, quase nula, para carros mais antigos. Nos carros mais modernos, é nula a variação".

Francisco Satkunas, engenheiro mecânico e conselheiro da SAE (sociedade que reúne engenheiros do setor automotivo) afirma que os carros movidos somente a gasolina – sobretudo os importados– "terão que ser avaliados quanto à sua durabilidade, que poderá ser reduzida em longo prazo por conta dessa adição de etanol". Contudo, o especialista ressalta que é pouco provável o surgimento de problemas.

A Anfavea (associação dos fabricantes de veículos) conduz um estudo sobre o tema, que deverá ser concluído até o fim do mês. O objetivo é esclarecer tecnicamente as reações da nova composição nos motores flex e nos movidos apenas a gasolina.

"Entendemos a adoção desta medida como apoio à economia brasileira. Com a preservação do teor de álcool na gasolina premium fica mantida, em defesa de nossos consumidores, há alternativa de abastecimento para os veículos movidos a gasolina", declara Luiz Moan, presidente da entidade.

Até que o estudo seja concluído, a Anfavea recomenda que os carros movidos a gasolina sejam abastecidos com gasolina premium, que mantém os 25% de etanol em sua composição, mas facilmente esbarra nos R\$ 4 por litro. A comum custa, em média, R\$ 3,30 o litro, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo).

A Abeifa (associação que representa importadores e fabricantes de veículos) diz que o novo teor de etanol na gasolina é "adequado", e que os carros de suas associadas (em sua maioria importados e movidos a gasolina) "foram projetados para os mais diversos mercados, desenvolvidos para receber uma composição de combustível com maior tolerância". Ainda assim, a entidade também recomenda o uso de gasolina premium e lamenta não ter tido mais tempo "para realizar testes de pelo menos 60 mil quilômetros, que trariam uma visão melhor de um possível impacto no desempenho dos veículos e/ou no comportamento dos componentes, utilizando gasolina com teor mais alto de etanol".

CONSUMO

Segundo Nilton Monteiro, diretor executivo da AEA, o desempenho dos motores referente a consumo e performance será fruto da "estratégia das empresas em calibrar os motores favorecendo a performance ou a economia de combustível".

As fabricantes consultadas pela Folha confirmam que realizam testes para saber se a calibração atual dos motores mudará por conta da porcentagem mais elevada de etanol na gasolina, mas a divulgação dos resultados ficará a cargo da Anfavea.

De acordo com Satkunas, "o consumo deverá ser praticamente o mesmo nos motores flex e mesmo nos demais a gasolina. Dois pontos percentuais acima dos 25% atuais não deverão ter maior impacto nesse quesito".

ANTIGOS

O engenheiro mecânico da SAE Brasil ainda explica que os mais afetados serão os donos de automóveis mais antigos, sobretudo os que usam carburador.

"Eles poderão ter mais falhas na partida a frio e corrosão de componentes. Para esses casos a orientação é usar gasolina premium". Isso porque o gicleur (componente que determina a quantidade de combustível que entra no sistema de combustão para se misturar ao oxigênio) foram originalmente calibrados para 15% de etanol, que era a proporção praticada naqueles anos, e poderão ter que ser regulados para os 27% atuais.

Ainda assim, as chances de ocorrer algum dano ao sistema é considerada pequena.

Etanol hidratado cai ao motorista da maior parte dos Estados do país. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/03/2015

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, recuaram na última semana ao consumidor final da maior parte dos Estados brasileiros. Conforme levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP), o preço médio do biocombustível nos postos caiu em 19 Estados entre 22 e 28 de março na comparação com a semana anterior. Em seis Estados e no Distrito Federal os preços subiram e em um se mantiveram estáveis.

A maior retração foi observada no Amapá (3,2%) e em Minas Gerais (1,42%). No mercado mineiro, onde vigora desde o dia 18 uma menor alíquota de ICMS sobre o etanol, o preço médio do litro do bicomcombustível ao motorista foi de R\$ 2,349 no período. Desde que passou a valer o novo ICMS para o etanol, os preços médios nos postos mineiros acumulam queda de 1,8%, segundo a ANP.

Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, o preço médio do etanol hidratado caiu 0,81%, a R\$ 2,075 o litro. Em quatro semanas, a queda acumulada é de 1,75%.

No período, ficou vantajoso ao consumidor final abastecer com etanol em vez de gasolina em seis Estados. Além de São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná, que já vinham registrando vantagens nos últimos meses, entrou para a lista Minas Gerais. Isso se deveu à diferenciação tributária entre etanol e gasolina neste Estado que passou a ser a maior do país — de 15 pontos.

Já a gasolina C, que concorre com o etanol hidratado pela preferência dos motoristas de carros-flex, subiu em 13 Estados e no Distrito Federal e caiu em 13 Estados entre 23 e 28 de março, na comparação com a semana anterior.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

Demanda pelo biocombustível nos EUA cairá. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 25/03/2015

O diretor global da divisão de análises do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA, na sigla em inglês), Michael Dwyer, afirmou ontem que a demanda dos

Estados Unidos por etanol, atualmente na casa de 50 bilhões de litros, deve recuar nos próximos dez anos para 45,6 bilhões. A inserção de outras fontes limpas de energia nos transportes, tais como veículos movidos à eletricidade, explica a retração.

Para uma plateia de usineiros e traders de etanol presentes no evento da consultoria FO Licht, em São Paulo, o diretor do USDA deixou claro que os EUA já são um exportador líquido e estão agressivamente avançando para consolidar essa posição, sobretudo no mercado da Ásia. Ao Valor, Dwyer disse acreditar que o Brasil poderá ainda continuar exportando ao mercado americano, no entanto, de forma "ocasional".

Os EUA já são um exportador líquido de etanol, tomando o lugar do Brasil, o que era impensável em 2008, segundo ele. "O grande objetivo das empresas americanas é prospectar novos mercados, em especial na Ásia", afirmou o diretor do USDA.

A previsão do órgão americano é de que o consumo do biocombustível na China passe a 4 bilhões de galões (15 bilhões de litros) em 2022, ante os 500 milhões de galões (1,8 bilhão de litros) de 2012.

Nesse cenário, as expectativas do Brasil de vender no futuro grandes volumes ao mercado americano ficam mais distantes. Na visão do USDA, o etanol brasileiro tende a ter como destino o próprio mercado doméstico. Ao contrário do que projeta para os EUA, o órgão americano prevê que a demanda do Brasil por etanol vai crescer na próxima década. Atualmente em 23,8 bilhões de litros, o consumo nacional deve avançar até 2024 para 36,10 bilhões de litros.

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) voltou a registrar aumento das vendas internas de etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos. Conforme a entidade, na primeira quinzena de março foram vendidos pelas usinas do Centro-Sul 681,57 milhões de litros, 50,54% de aumento em relação a igual período de 2014.

Real fraco reduz ponto de equilíbrio de usinas de açúcar e álcool no Brasil – Folha de São Paulo, Mercado. 31/03/2015

Más notícias para aqueles que apostam em um alta nos preços do açúcar: o mergulho do real reduziu em até 6 centavos por libra-peso o custo de produção para usineiros no Brasil, aumentando a pressão sobre os produtores rivais e potencialmente atrasando uma recuperação dos preços globais.

Nos últimos meses, o chamado "break-even" caiu para 11 centavos a 13 centavos de dólar por libra, em comparação com as estimativas anteriores de 17 centavos a 18 centavos de dólar, segundo operadores e analistas.

Essa queda rápida também tem amenizado problemas de margens diante dos preços baixos do produto.

Ela também representa uma nova realidade no mercado de açúcar, com a moeda do Brasil pairando perto de seu nível mais fraco em relação ao dólar desde 2003.

O açúcar bruto na ICE Futures rompeu o nível de 12 centavos por libra-peso, pela primeira vez em seis anos, na segunda-feira, e registrou uma nova mínima do período de 11,91 centavos de dólar nesta terça-feira.

A commodity já caiu mais de 14 por cento em março, e o mercado está no caminho de fechar seu pior mês em quase três anos.

Ainda assim os preços tendem a ficar baixos por mais algum tempo até que os agricultores mudem para outras culturas e usineiros limitem a moagem no Brasil.

Tem havido uma crescente "estreita correlação" com o real, disse Michael McDougall, diretor sênior da mesa do Brasil na Societe Generale, em Nova York.

Ele fixou o novo nível de equilíbrio em 12,5 centavos de dólar por libra para retirada na usina, com mais 2 centavos necessários para levar o açúcar das usinas do interior aos portos.

Os usineiros no Brasil podem processar cana para produzir etanol para o mercado interno de combustíveis, com preço em reais, ou açúcar para exportação, cotado em dólares.

As usinas provavelmente vão vender mais açúcar do que o esperado anteriormente este ano para colher retornos denominados em dólar.

Isso coloca mais pressão sobre os produtores de açúcar em outros lugares, especialmente em países como Índia e Tailândia, onde as moedas nacionais estão menos desvalorizadas frente o dólar.

Os custos médios variam de forma significativa de usina para usina, e as despesas são maiores para aqueles com dívida em dólar.

"(O real) pode ir mais para baixo? Não há nenhuma razão agora que indique que ele não possa", disse um operador dos EUA

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa